

SAL  
9321  
1.3

WIDENER  
  
HN JRYR I

SAL 9321.1.3

Harvard College Library



THE GIFT OF

EDWIN VERNON MORGAN

(Class of 1890)

AMERICAN AMBASSADOR TO BRAZIL

over

SAL9321.1..



# OPERA-LYRICA

Pedro Quintero



PEDRO RABELLO

# OPERA-LYRICA

*Rio de Janeiro*

1894

Digitized by Google

SAL 9321.1.3

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
GIFT OF  
EDWIN VERNON MORGAN  
OCT. 22, 1915.

Os versos que ahí vão,  
Lançados hoje ao vento,  
Fel-os o sentimento,  
Disse-os o coração.

FILINTO D'ALMEIDA — *Lyrical*.



## ABERTURA

« *Em verdade vos digo que ainda nestas miserias paginas ides encontrar versos lyricos...* » Li-o n'um prefacio. Era em 1840; ou em 1845, já me não recorda bem. O auctor do livro não tinha nome; estréava, tal qual o moço auctor destes versos. O prefacio era de Plinio de São Raphael. Teceram-lhe muitos encomios, não ao poeta, mas ao prefaciador. E ainda hoje, quasi sessenta annos passados, o que primeiro me accóde á lembrança não são os versos do livro, é o citado trecho daquelle prefacio celebre.

D'ahi, a inefficacia dos prefacios feitos por mão conhecida. De um sei eu, ao qual tamanho successo bafejou, em prejuizo do volume, que ao prefaciador occorreu a idéa de tiral-o em folheto. Anda por ahi, com uma bella capa. Criticaram-n'ó até, de preferencia á obra. E, annos volvidos, quando soar a hora do balanço litterario do seculo, já me parece que é para esse bemdito prefacio que se ha de voltar a attenção da curiosa gente.

E eis aqui se vos expõem em parte as razões por que é a minha penna de velho a que ora escreve estas primeiras paginas de um livro de moço. Não que lhe faltasse a elle a benevolencia de outrem, mas porque esse o faria indubitavelmente superior ao volume, e, ainda, porque me sobrava a mim o desejo de vos fazer ouvir a abertura desta *Opera*. Certo que, burilados periodos, outrem os architectára aqui melhor; mas ninguem vos poderia dizer deste volume tanto e tão generosamente como eu. Porque, si é bem verdade que a outrem sobriariam a fria analyse e a aspera critica destes versos, a mim sobejam-me a paixão que me accórdam e o reconhecimento que lhes devo pelo bem que me fazem. E não é menos verdade que aos prefaciadores duas cousas se exigem mais do que a critica e a analyse severas — que sejam benevolentes para com o que lhes solicita amparo e que transportem nitida, para o papel, a impressão que o volume lhes haja produzido.

A mim está-me ainda bem viva essa agradável, dulcissima impressão. E não vae aqui ensaio da nimia benevolencia de que eu fallava ainda ha pouco. Que fosse e nem por isso vos ficaria talhado molde para a impressão que respectivamente haveis de ter. Fallo da minha impressão pessoal. Por mim, adóro este volume. Vi-o fazer, verso a verso, e, a esses versos, pela minh'alma passaram todo o ciume, toda a magua, toda a

---

saudade de que elles estão cheios. Essas emoções, ainda as experimento agora, relendo-os, e a alma se me aquece ao fogo indómito de tamanha paixão... Como uma tremula velhita que, em noites de Junho, se acolhe á chamma benéfica da lareira, a minha alma gelada de velho procura reanimar-se ao calor deste coração de moço.

Fica por essa fórma evitado o obice de que mais friamente fallassem do volume. Ahi uma das citadas razões por que sou eu quem vos escreve a abertura desta *Opera*. Outra é aquella inefficacia dos prefacios feitos por mão conhecida. Neste livro estreamos os dois—prefaciador e auctor da obra. Démo-nos as mãos, enchémo-nos de coragem e viémos. Eu aqui estou ; o outro, vel-o-heis lá adiante. Si elle vos não agradar, deixae-o de lado ; alguém ha de vir que encontre juntas, reflectidas nestes versos, a sua propria saudade e a sua propria paixão. Porque á poesia subjectiva sobeja este merito—o de que a paixão de que ella falla é uma e a mesma paixão de que vós todos soffrestes, e á sua doce saudade melancolica tambem a vossa saudade se reanima, e o santo balsamo consolador, que ella derrama, por fórma igual vos perfuma, e vos purifica, e vos sára essas inolvidaveis, duradouras chagas de Amor.

E a poesia deste livro—que outra lhe ficaria melhor? — é toda ella subjectiva. Já vol-o disse o titulo do volume, e, tambem, já vol-o disse o citado trecho daquelle prefacio celebre.

Pois em verdade vos repito que ainda nestas miserias paginas ides encontrar versos lyricos. Ensaiei traduzir-vos o que elles valem, ou antes, não o ensaiei. Tarefa difficil me fôra tanto, e já não a supportariam meus braços. Ha um expediente melhor e que nem ao menos me valerá arcar com a responsabilidade do invento. Já o empregaram alhures. Salto cincoenta paginas, e copio para amostra um dos sonetos do livro:

## TENEBRAS

Porque mais te não vejo, mais te sinto  
 Perto... Mais perto dos teus olhos ando.  
 Diz-m'ô não sei que delicioso e brando  
 Como os vagos instinctos, vago instincto.

'Stás perto, sinto-te... E de quando em quando,  
 « Busca-a ! » — manda uma voz. « Busca-a ! » Consinto.  
 E ando de labyrintho em labyrintho,  
 Cêgo, paredes humidas tacteando.

Quem me ha de os olhos descerrar ? Teus olhos,  
 Pela doce alegria de trazer-m'os,  
 Quem m'os ha de mostrar nesta anciedade ?

E amontoam-me escolhos sobre escolhos...  
 — Almas enfermas, corações enfermos,  
 Qual de vós é que soffre esta saudade ?

Está ahi o poeta ; e não só elle, tambem o livro, todo o livro ahi está. Essa saudade enorme, essa indomada ancia de

ter aquella que foi a inspiradora desta *Opera* transbordam do volume inteiro. Vêde para prova, os versos com que abre o livro:

No ermo destes aspérrimos logares,  
Ancias suffóco e imprecações rouquenhas,  
Porque á toa te peço que te abstenhas  
De outros, e venhas aos meus pobres lares.

Vêde os que se lhe seguem — *Quadras, Distante, Rompimento, Pagina 102...* « Logo — objectar-me-heis — bastar-nos-hia ter lido um dentre todos esses numeros da *Opera*, para que tivéssemos lido todo o volume. » Poderia ser exacto, mas não o é. Sobre esse assumpto que fórma o fundo do livro, ha uma grande diversidade de episodios. E nóto mesmo que, neste livro, alguma cousa apparece que se teria o direito de chamar unidade de conjuncto. Attentae na disposição dos versos, e dir-me-heis si tenho ou não motivo para pensar assim. Aqui, o moço auctor da *Opera* imagina o jubilo com que a acolheria, á dona dos seus pensamentos, si Ella lhe apparecesse afinal (*De longe*); mais adiante (*Quadras*) roga-lhe que venha, lembra-lhe que o sol já doira as arvores, promete-lhe a eterna caricia da sua paixão :

Terás a caricia intérrima,  
Do meu intérrimo amor...

N'um outro numero (*Frio...*) sonha que a tem já nos braços, apaixonada e ardente, máo grado o frio glacial e o vento que brame fóra:

Noite. Osculo-te o cabelo,  
E ardes, e dizes: — « Sou tua ! »  
Nem parece que ha na rua  
Tantos pedaços de gelo.

E assim por diante. Episodios diferentes, diferentes manifestações daquella saudade enorme. No fundo, porém, o pensamento igual, continuado, desenvolvendo-se atravez de todos esses pequeninos incidentes. Razão tenho eu, portanto, para o que vos affirmo. E mais razão teve ainda o moço auctor desta *Opera* para inscrever-lhe na primeira pagina, á guisa de epigraphe, aquelles deliciosos versos com que abre a *Lyrice*, de Filinto d'Almeida:

Os versos que ahi vão  
Lançados hoje ao vento,  
Fel-os o sentimento,  
Disse-os o coração.

Basta. Olhae que já vem muito perto, quasi que se ouve distinctamente o primeiro numero da *Opera*. Lêde-a, si é que ainda vos impressionam versos lyricos. Si vos não impressionam, ide adiante ; fechae o volume. Ide adiante ou si

---

quizerdes, ficae. Mas que ninguem vos ouça e que nenhum rumor perturbe a calma destas brancas, doces paginas de Amor. Ficae, mas á imitação de quem, recolhido, penetra um templo, quando se balançam os thurybulos nos sagrados altares de Nossa Senhora. Ficae, mas de joelhos. Porque a esta *Opera* tambem se applicam os dois versos que ides encontrar ahi no final do volume:

« Para entendel-a, para devassal-a,  
Cala-te, cruza as mãos e os joelhos dobra. »

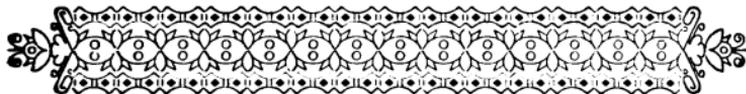
*Manoel Alves*



I  
DE LONGE

A JOÃO RIBEIRO.





# I

**N**o ermo destes asperrimos logares  
Ancias suffóco e imprecações rouquenhas,  
Porque á tôa te peço que te abstenhas  
De outros, e venhas aos meus pobres lares.

Os meus pedidos, meus epistolares  
Rogos são poucos para que tu venhas ;  
E entretanto, ao meu lar, entre estas brenhas,  
Como seria esplendido chegares !

Se viesses, dona dos meus pensamentos,  
« Eis-me ! » dirias, e eu, talvez, diria,  
Pallido, ao bosque umbroso e aos céos nevoentos :

— « Qual de vós, plumbeos céos e bosque umbroso,  
Sabe de alguém que neste alegre dia  
Seja ditoso como eu sou ditoso ! »



II  
QUADRAS

A VALENTIM MAGALHÃES.





## II

**P**o escuro norte, ave prófuga,  
Fugiste em busca do sul. . .  
Mas todo o espaço hoje é limpido,  
E é todo o espaço hoje azul.

Vem, que hoje o sol doira as arvores  
E doira os campos em flor. . .  
Terás a carícia intérmina  
Do meu intérmimo amor.

Dá que me envolvam teus lucidos  
Olhos, n'um lucido olhar,  
Qual me envolvera uma esplendida  
Auréola feita do luar. . .

Vem! A tua face purissima  
Seja-me sempre louçã,  
Tanto ao tombar do crepusculo,  
Como ao romper da manhã. . .

Dá que em teus labios eu, soffrego,  
Sorva esse olôr que elles tem,  
Como, avido, um beduino a um cantaro  
Sorve o liquido tambem. . .

Vem! Que te importa que inhópita  
Seja a existencia depois. . .  
Doce embora, embora aspérrima,  
Vivel-a-hemos nós dois!



III  
FRIO...

A ARTHUR AZEVEDO





### III

**N**OITE. . . Pouco a pouco, desce,  
Desce a neblina do céu. . .  
Nenhuma estrella apparece,  
E ha tanto que anoiteceu !

Noite. Tiritam lá fóra  
Os homens e os passarinhos. . .  
Com que amorosos carinhos  
Esperaremos a aurora !

Noite. Que frio o que deve  
Gelar-te ! Chega-te mais. . .  
Lá fóra ha flóccos de neve  
Suspensos pelos beiraes.

Noite. Osculo-te o cabelo,  
E ardes, e dizes :— « Sou tua ! »  
Nem parece que ha na rua  
Tantos pedaços de gelo. . .

Noite. Que esplendida noite !  
Que tem que o vento, a bramir,  
Venha, e as janellas açoite,  
E passe, e torne inda a vir. . .

Noite. Estreitemos os laços  
Que nos magôam e prendem.  
Noite... As estrellas se accendem. . .  
Como são quentes teus braços !



IV  
PLANOS DE AMOR

A LUIZ MURAT





## IV

**F**AZ-SE mister que inda outros planos urdas,  
Lucia. . . Vê bem que me desassocégas !  
E' preciso que além dos que hoje empregas,  
Que outros empregues e que não te atturdas. . .

Dobra de quantas mil razões allegas...  
Faze com que a essas mil razões absurdas  
Se sintam todas as pessoas surdas,  
Se vejam todas as pessoas cégas.

Ha muito quem a tudo quanto dizes  
Junta, e a tudo accrescenta o amor em que ardes,  
E o sentido das proprias phrases trunca...

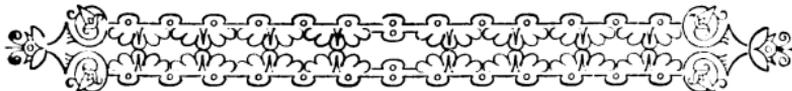
Vê bem ! P'ra que possamos ser felizes,  
Faz-se mister que esta sentença guardes:  
— Amor não quer que se o descubra nunca !



V.  
SIMPLES

A DELGADO DE CARVALHO





## V

**E**U tenho-te a ti só,  
Tu só me tens a mim. . .  
Amarmo-nos assim  
Aos que nos vêem faz dó.

De toda a crença nú,  
Puz-te no meu altar. . .  
Calcula que pezar  
Se me faltasses tú !

Teu riso é o meu ; teu mal  
E' o meu tormento. E pois,  
Anima-nos aos dois  
O mesmo santo ideal.

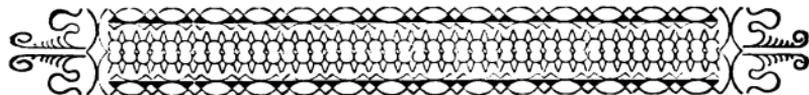
Amarmo-nos assim  
Aos que nos vêm faz dó...  
Eu tenho-te a ti só,  
Tu só me tens a mim !



VI  
NA ALAMEDA

A RAUL POMPEIA





## VI

**N**OITE, e não vens ! De subito, na areia,  
Sinto-te os passos... Que mulher affoita !  
Vens, e em cada rosál e em cada moita  
Como um bando de passaros gorgeia. . .

Fallas. O atro pavor que em ti se acoita  
Dizes, e partes de terrores cheia. . .  
Logo dentro das ténebras anceia,  
Rispido, o vento e as arvores açoita.

Partes. . . Pela alameda em sombras, tudo,  
Vendo-te, á tua pallidez se assombra.  
Tremem arvores, cresce-te o receio. . .

E, atra, a sombra te envolve. . . E eu, doido, e eu, mudo,  
Penso: « Por que não hei de ser a sombra,  
Para guardal-a dentro do meu seio? »



VII  
PAIZ DISTANTE

A PAULA NEY





## VII

**P**ROCIDO, talvez, se o sol que me allumia  
Claro, e bello, e brilhante,  
Rompe, a tréva a espancar desta noite sem dia ;  
  
Fico a sonhar um lucido e distante,  
Paiz, onde serena  
Fosse toda a existencia e todo o amor constante,  
  
Onde, de alegre e timida camena,  
Docemente tranquilla,  
Pudesse a voz ouvir em meio á noite amena.

Emquanto que tambem lucido, a ouvil-a,  
Do azul em cada fresta,  
Brilhasse um sol assim como o outro sol rutila.

— Um paiz onde nunca a atra e funesta  
Magua fosse, enfadonha,  
De pranto encher o olhar que o contemplasse em festa.

Lá, julgado feliz como quem sonha,  
Por certo que invocára  
Tua imagem feliz, e adorada, e risonha.

E se áquella de gozos fonte rara  
Tu chegasses ainda,  
E se ainda a tua alma esses gozos achára ;

Por certo o nome dessa estranha e infinda  
Fonte de primaveras,  
Tu pediras, e então eu te disséra, Linda :  
— « Chama-se este paiz, o paiz das chiméras ! »

1887.



VIII  
DISTANTE

**A ALVARES DE AZEVEDO SOBRINHO**





## VIII

**H**OJE soluça o vento nas palmeiras

E um gemido das arvores arranca...

Partiu ! Corra mais limpida e mais franca

A torrente das lagrimas ligeiras.

Partiu! De longes terras estrangeiras

O balsamo que as lagrimas estanca,

Traga-m'ò a aza tenuissima, a aza branca

Da mais branca das pombas mensageiras.

Vendo-a, cale-se a dor, vão-se os soluços. . .  
Fique ella só de longes terras vinda  
Para consolo desta soledade,

Fique, e possa eu contar como, de bruços,  
Doido, chorei sobre as tuas cartas, e **inda**  
Como punge esta indómita saudade!



IX  
POETAS

A HENRIQUE DE MAGALHÃES





## IX

**S**ÃO os poetas como os passarinhos ;  
Cantam, vão pelo azul azas librando...  
Uns dos sonhos no azul maguas cantando,  
Outros cantando á beira dos caminhos.

Se de uns o bando vae, sem que os espinhos,  
Sinta, da terra, amores procurando ;  
D'outros, quando o crepusculo chega, o bando  
Chega, buscando o doce amor dos ninhos.

Vivem sempre a cantar. Da vida a estrada  
Trilha-a, e canta o poeta, ao longe, enquanto  
D'aves gorgeia a célere revoada...

E a alma, escutando a musica dilecta  
De ambos, nem sabe qual melhor — se o canto  
Da ave, se o doce canto do poeta.

1887.



X

# A THEOPHILO BRAGA

(PELA MORTE DOS SEUS DOIS FILHOS)





## X

**S**e essas que choras, lagrimas ardentes  
Todas, pudessem, tremulas, cahindo,  
Como um rio formar que fosse o infindo  
Rio das dores aos mortaes pungentes ;

Se outras ardentes lagrimas, partindo  
Todas da mesma eterna dor que sentes,  
Alto o rio inda mais, como as enchentes  
Elevassem-n'ò e fossem-n'ò impellindo ;

Talvez que as aguas limpidas passando,  
Nellas, da eterna dor que te assassina  
Os soluços e as lagrimas passassem ;

E os soluços e as lagrimas em bando  
Ouvindo, então, chorar, como em surdina,  
Talvez que os homens, tremulos, chorassem...



XI

# ROMPIMENTO

A OLAYO BILAC





## XI

ERTA vez, esperando uma sua carta, e o porto  
Vendo e ao longínquo mar coberto de neblinas,  
Exclamei :— « Doido amor que em meu peito estas ruínas  
Fazes, por que é que os teus fortes laços não córto? »

Nisto, chega a sua carta. Absorto fico ; absorto  
Penso :— « Que irás dizer, carta que me allucinas? »  
Abro-a, e encontro estas vís palavras assassinas :  
« Tudo o que houve entre nós de ora em diante está morto. »

Ah! pudesse Ella ouvir o meu pranto e o do Oceano...  
Christo no horto — eu tambem soffro como esse Christo,  
Eu tambem tenho agora um supplicio e o meu horto...

Quanto custa passar do engano ao desengano!  
Desgraçado de mim que já nem sei se existo...  
Tudo o que houve entre nós de ora em diante está morto!



XII

DEPOIS DE OUVIL-A

A FILINTO D'ALMEIDA.





## XII

**J**ALVEZ fosse uma cythara... E, entretanto,  
Póde ser que uma cythara não fosse.  
Que outra um dia escutei que assim me trouxe  
Canto como esse dulçoroso canto ?

E — ao contrario das cytharas — e tanto  
Lamento áquellas notas misturou-se !  
Talvez que as cordas, cada qual mais doce,  
Todas, humedecessem-n'as de pranto...

Cythara ? Certo que nenhuma dellas  
Tanto assombro causára ás pequeninas,  
Disseminadas, lúcidas estrellas...

Certo e bem certo, ó tu que me assassinas,  
Tu cantavas, sorrindo, uma d'aquellas  
Mais amantes das tuas cavatinas...

1888.



XIII  
PAGINA SANTA

A GUIMARÃES PASSOS





## XIII

**A**BANDONA esta pagina... Recobra,

Recobra alento para decoral-a.

Nesta um contido amor que em vão se cala

De soluços e lagrimas redobra.

Nesta, excede a paixão ; a ancia é de sobra...

Pagina de onde o soffrimento falla,

Para entendel-a, para devassal-a,

Cala-te, cruza as mãos e os joelhos dobra.

Nesta, religiosamente assume,  
Para lel-a, o ar dos crentes, e medita,  
Medita e reza pelo meu amor...

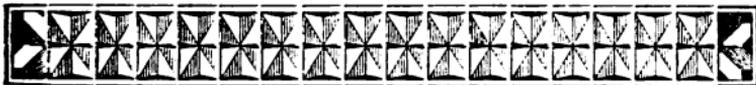
Mas não te apresses, porque todo o ciume,  
Tudo o que nesta pagina palpita,  
Desperta ouvindo o minimo rumor.



XIV  
MELHOR...

**A OLIVEIRA E SILVA**





## XIV



**CHEGASSE, outr'ora, o dia de nos vermos**

**E esse o mais rutilante era dos dias...**

**Que alegres cousas, as que me dizias,**

**E que palavras, e que doces termos !**

**De ora avante, apesar do que dissermos,**

**Nunca hei de ouvir o que me repetias...**

**Por nossas almas, de affeição vasias,**

**Anda a tristeza dos logares ermos.**

Porque os olhos á luz, doidos, abrimos,  
Eu e tu, minha pallida senhora,  
Porque o fizémos e não reflectimos,

Hoje, saudosos da ventura d'antes,  
Hoje á nossa existencia melhor fôra  
Que outra vez nos tornassemos amantes...



XV  
TENEBRAS

A ALUIZIO AZEVEDO





## XV

**P**ORQUE mais te não vejo, mais te sinto  
Perto... Mais perto dos teus olhos ando.  
Diz-m'ó não sei que delicioso e brando,  
Como os vagos instinctos, vago instincto.

'Stás perto, sinto-te... E de quando em quando,  
« Busca-a ! » — manda uma voz. « Busca-a ! » Consinto.  
E ando de labyrintho em labyrintho,  
Cégo, paredes humidas tacteando...

Quem me ha de os olhos descerrar ? Teus olhos,  
Pela doce alegria de trazer-m'os,  
Quem m'os ha de mostrar nesta anciedade ?

E amontoam-me escolhos sobre escolhos...  
— Almas enfermas, corações enfermos,  
Qual de vós é que soffre esta saudade ?



XVI

OLHOS VERDES

A URBANO DUARTE





## XVI

**G**.EUS olhos, porque os achei  
A' beira do meu caminho,  
A alma e todo o meu carinho  
Logo lhes hypothequei...

Pedi-lhes : — « Olhos ideaes  
Da côr do verde-marinho,  
No meu aspero caminho  
Por que é que me não guiaes ? »

E á luz do teu santo olhar,  
Eu fui pelo meu caminho,  
Como um doido passarinho  
Que andasse, aligero, a voar.

Mas porque a morte o apagou  
E a mim me deixou sósinho,  
Hoje pelo meu caminho  
Como um desgraçado vou...



XVII  
NO SEU TUMULO

A ARARIPE JUNIOR





## XVII

**S**AL de extinctas, e barbaras, e incultas  
Tribus, seguindo as crédulas usanças,  
Tal no chão, sob a abobada das franças  
E humido, ao humido ar pondo, inseultas,

Pondo, aos olhos mais avidos occultas,  
Junto ao morto guerreiro as duras lanças,  
— Ha n'aquelle sarcophago esperanças  
Mortas, d'Elle bem proximo sepultas.

Do iridio conserva o tumulo, esquecida,  
Toda aquella mortifera cohorte,  
Tanto do tigre dos juncaes temida...

Tudo guarda que a tantos trouxe a morte...  
E Ella guarda isso tudo a que deu vida,  
Tanto que pasma um tumulo o comporte...



XVIII

PELA NOITE

A RODRIGO OCTAVIO





## XVIII

**D**IGAM do amor com que eu a acarinhava,

Todos os astros, todas as estrellas...

Digam quanto as fitava e como, ao vel-as,

Ella, a estrella mais lucida lembrava.

Dos céos em fóra, pela noite, e pelas

Nuvens que eu tristemente contemplava,

Digam como d'aquelle affecto escrava

Minh'alma anciava por comprehendel-as.

Tudo contem. . . Do meu estranho affecto  
Fallem, fallem da minha dor contida  
Por largos mezes e por largos annos,

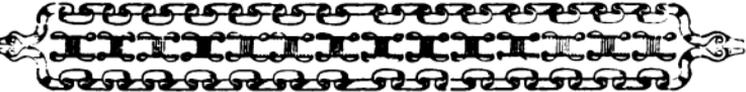
E esse que fôr o astro mais indiscreto  
Conte como me viu a alma ferida,  
Por desenganos sobre desenganos.



XIX  
PAGINA 102

A ALCINDO GUANABARA





## XIX

**M**AGUA horrenda, ancia horrenda, ciume horrendo  
Esta misera pagina continha,  
E Ella, por lel-a, dos seus olhos vinha,  
Vinha um fio de lagrimas descendo...

Esta os seus olhos que choravam lendo,  
Mais do que as outras paginas detinha,  
E áquelle pranto pela angustia minha  
Iam-me os versos desaparecendo...

A sua ultima lagrima desfel-os...  
Hoje estes mesmos pobres versos choram  
O logar dos antigos occupando,

E estes, como os primeiros, que os seus bellos,  
Seus tristes olhos apagando foram,  
Vão-se-me agora aos poucos apagando.



XX

MANGUEIRA VELHA

A LUCIO DE MENDONÇA





## XX

**D**OI aqui. Neste tronco hirsuto, certo dia,  
Viemos a data abrir das primeiras promessas...  
Para nol-as doirar, sobre nossas cabeças,  
Do alto o sol atravez das arvores descia.

Contemplámo-nos. Tu, cujo rosto sorria,  
« Não me esqueças » disseste, e eu disse: « Não me esqueças ! »  
E afastámo-nos, pois que de tua casa, ás pressas,  
Vinham todos os teus procurar-te, Maria !

Esquecste-me. O sol que as nuvens avermelha,  
Não nos viu nunca mais namorados e ufanes...  
Breves annos o nosso eterno amor findaram...

Seja sempre abençoada essa mangueira velha !  
Essa que inda o conserva atravez de dez annos,  
Mais do que nesses dois coraçõs o guardaram.



XXI  
TRECHO FINAL





## XXI

**Y**AE-SE-ME alfim como esquecendo a estranha  
Rota, que a mim me foi de urzes coberta. . .  
Desperta, coração ! Alma desperta,  
Banha-te ao sol que o espaço e a estrada banha.

Magua como essa, intérmina, tamanha,  
Não mais meu pobre coração te aperta;  
E — alma ! — a ti, toda em lagrimas aberta,  
A ancia das lagrimas não te acompanha.

« Seja abençoada essa que a dor minora ! »  
Direis... « Bem dita essa que ao bosque umbroso  
Aclara, e ao céu nevoento enche de luars. . . »

E porque a ti te encontro e tenho agora,  
Que outrem, por mais ditoso, é mais ditoso,  
No ermo destes aspérrimos logares? . . .





6111  
101



This book should be returned to  
the Library on or before the last date  
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred  
by retaining it beyond the specified  
time.

Please return promptly.

653/603

BOOK DUE WID

NOV 2 1979

JUN 3 1979

